

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM WILLIAM HURT
10 de maio de 2022

BROADCAST NEWS / 1987

(Edição Especial)

um filme de James L. Brooks

Realização e Argumento: James L. Brooks / **Fotografia:** Michael Ballhaus / **Montagem:** Richard Marks / **Direcção Artística:** Charles Rosen / **Decoração:** Janes Bogart / **Som:** Robert Grieve / **Música:** Bill Conti / **Guarda-Roupa:** Molly Mginnis / **Interpretação:** William Hurt (Tom Grunick), Albert Brooks (Aaron Altman), Holly Hunter (Jane Craig), Jack Nicholson (Bill Rorish), Robert Prosky (Ernie), Lois Chiles (Jennifer Mack), Joan Cusack (Blair Litton), Peter Hackles (Paul Moore), Christian Clemenson (Bobby), Robert Katims (Martin Klein), Ed Wheeler (George Weln), Stephen Mendillo (pai de Tom), Kimber Shoop (Tom em criança), Dwayne Markee (Aaron em criança), Gennie James (Jane em criança), Leo Burmester (pai de Jane), Amy Brooks (Elli), Jonathan Benya (Clifford Altman), Marita Geraghty (vítima de violação), John Cusack (mensageiro), etc.

Produção: Polly Platt e James L. Brooks, para Gracie Films – Twentieth Century Fox / **Distribuidor em Portugal:** Castello Lopes / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, 35mm, cor, versão original falada em inglês, com legendas em português, 133 minutos / **Estreia em Portugal:** 25 de Março de 1988, nos cinemas Londres, Las Vegas 1 e Hollywood 1.

Broadcast News levanta ostensivamente uma questão que já encontramos noutros filmes sobre o mundo do jornalismo, nomeadamente em **Salvador** de Oliver Stone: o problema dos noticiários televisivos, onde se tem verificado nos últimos anos uma sobreposição do "carisma" do locutor (ou *anchor*, na expressão americana) ao conteúdo das notícias propriamente ditas. Por outras palavras, a América de Reagan foi sendo progressivamente confrontada todos os dias com noticiários manipulados do ponto de vista político, que tentavam "viciar" o público na personalidade do locutor de tal modo que a importância ou pertinência das notícias apresentadas passava para segundo plano. O noticiário passa a espectáculo oferecido aos espectadores por uma "estrela", ao mesmo tempo que as verdadeiras notícias passam ao lado, talvez na imprensa dita "liberal". Cada acontecimento político é avaliado em termos de audiência e de propaganda do governo e os jornalistas verdadeiramente competentes são marginalizados. Este é, pois, o teor da comunicação inicial de Jane (Holly Hunter) no congresso de jornalistas que surge após o "prólogo" que nos apresenta as três personagens principais em momentos significativos da sua infância. Ninguém quer ouvir o que Jane tem para dizer nesse congresso, mas o desenvolvimento ulterior do entrecho deste excelente filme de Brooks vem confirmar que ela tem razão: Aaron (Albert Brooks), o pequeno "génio" do *sketch* inicial, é postergado para segundo plano, ao passo que Tom (William Hurt) consegue fazer uma carreira vertiginosa só porque tem um "carisma" que não ultrapassa o plano da atração meramente física (em termos de "casting", a

escolha de Hurt para um papel destes não deixa de ser curiosa... Hurt não é propriamente o paradigma do "bonitão estúpido", mas a arte consumada do actor acaba por conferir traços psicológicos complexos a uma personagem que, em princípio, deveria ser unilateral). Entre um e outro temos a figura de Holly Hunter e o conflito que nela se desenrola entre a admiração por Aaron e a atração que não consegue deixar de sentir por Tom. O final é singularmente pessimista, mas pelo menos é um facto que Brooks não abdicou das neuroses profundas dos seus três protagonistas para fabricar um "happy end" que, dadas as circunstâncias, só poderia ser altamente artificial.

O "triângulo amoroso" do filme leva-nos naturalmente a verificar que as questões de ética jornalística colocadas pelo filme funcionam, em última análise, como um pano de fundo, sobre o qual os problemas emocionais dos três protagonistas se vão desenrolar. Jane está convencida de que não pode estar apaixonada por um homem que não consegue respeitar, mas a verdade é que as emoções são mais fortes do que a reflexão racional acerca das coisas: o preço que a integridade profissional e ética lhe vai custar é penoso. Jane realiza-se como excelente profissional que é, mas em termos de vida pessoal falha redondamente. Aaron e Tom, menos exigentes e com maior capacidade de sobrevivência, ultrapassam as frustrações que o seu amor por Jane lhes causou, mas a vida emocional da protagonista fica pelo "longo indelével rasto que o não-vivido deixa" (na sublime expressão de Sophia de Mello Breyner Andresen). Jane é incapaz de pactuar com o desejo de Tom de auto-promoção e não lhe perdoa o facto de ter "encenado" as lágrimas da entrevista televisiva que a convencera de que afinal Tom até não era má pessoa. O final de **Broadcast News** não deixa de sugerir que Jane estava errada (pelo menos, deixa a questão em aberto), explicando assim *ex post facto* os enigmáticos ataques de choro que sucedem a Jane ao longo do filme. No seu misto de comédia e de drama, de amor e amargura, de entrega e de distanciação irónica, este filme de James L. Brooks revela-se surpreendentemente profundo e comovedor.

Frederico Lourenço